

perplexidade, encantamento e fascinação, de tal maneira, que dificilmente se consegue sair deles. Basta dizer que em um permaneci três anos e no outro já estou há um ano. Vejo agora que para passar para o segundo momento, tem-se de vencer um sentimento muito maior, a inveja de não tê-los escrito. Apesar de todos acidentes de percurso aconselho estas duas viagens, porém não me responsabilizo pela integridade dos leitores. Não acredito que alguém saia ileso após tal percurso, não acredito que alguém seja o mesmo depois de lê-los, portanto ame-os ou deixe-os.

Ede de Oliveira Silva.

Professor do Curso de Formação em Psicanálise.

III - ARTIGOS:

QUEM SOU EU, AGORA QUE HANNA ESTÁ AÍ? (A fobia e o caso do pequeno Hans).

Dentre os diversos casos analisados por Freud, destaca-se pela importância teórica o caso do pequeno Hans, como passou a ser conhecido no meio psicanalítico o *Relato da Análise da fobia De Um Menino De 5 Anos* (1909).

Das primeiras observações de Hans, quando ainda não tinha completado 3 anos de idade, chama a atenção a frase enunciada por ele: "Mamãe, você também tem esta coisinha de fazer pipi? Ao que a mãe responde: Naturalmente" (Freud, 1909).

Essa fala remete à questão fundamental que o pequeno Hans se colocava com veemência: ter ou não ter pênis. Mas, ao falar em pênis, do que está falando o pequeno? Sua pergunta encerra uma preocupação relativa a ter ou não ter um órgão, anatomicamente falando? Ou sua preocupação está referida a outra coisa? Por que tal pergunta é tão importante para ele e para todas as crianças que a enunciam?

Muito tempo se passou, da época da interpretação do caso por Freud até os dias de hoje. Muito se falou e se escreveu sobre o caso. Autores

contemporâneos, notadamente os da chamada vertente psicanalítica francesa - referência adotada neste trabalho - trouxeram interessantes contribuições para uma nova compreensão desta questão e de outros fatores envolvidos no chamado *complexo de castração*, mas também uma nova forma de interpretar a questão da fobia, notavelmente ilustrada no caso do pequeno Hans.

Nos três ensaios, Freud enfatiza de forma original a importância do outro na estruturação do psiquismo. A idéia lá apresentada tem sido bastante desenvolvida nos escritos sobre a psicanálise e hoje tem-se uma relativa compreensão sobre vários dos aspectos envolvidos nas relações que o ser humano estabelece no início da vida. Essas relações dão-se num contexto característico, isto é, a criança encontra-se num estado de desamparo frente a um outro que pode aplacar tal estado, através dos cuidados a ela dirigidos. Paralelamente aos cuidados físicos exercidos sobre a criança, esta recebe um intenso investimento afetivo e libidinal por parte de quem cuida dela. Diz Freud:

"A relação de uma criança com quem quer que seja responsável por seus cuidados proporciona-lhe uma fonte infindável de excitação sexual e de satisfação de suas zonas erógenas. Isto é especialmente verdadeiro, já que a pessoa que cuida dela, que afinal de contas, em geral é sua mãe, olha-a ela mesma com sentimentos que se originam de sua própria vida sexual, ela acaricia-a, beija-a, embala-a e muito claramente a trata como substitutivo de um objeto sexual completo.⁽¹⁾

É um momento no qual a mãe parece ver esta criança como algo que a completa totalmente: um falo. A criança parece ser reconhecida não como um ser de vida própria, mas principalmente como objeto revestido pela imagem remanescente do narcisismo materno, após um longo período de perdas. É assim que esta criança assume um aspecto imaginário, que parece restituir à mãe as perdas que teve de enfrentar e é neste contexto e com este papel que a criança inscreve-se na complexa trama estruturada pelo desejo materno. Só resta a esse ser, totalmente dependente e desamparado, responder a esse desejo, identificar-se com esse lugar de completude que lhe

⁽¹⁾ *Três ensaios para uma teoria sexual*

é atribuído pela mãe e assim se encontrar num lugar de total amparo, no qual ela se torna a mãe toda-poderosa e completa. A percepção de possuir tal poder a faz também onipotente. Tal é a dinâmica da chamada identificação primária ou narcísica. As mensagens que a mãe lhe passa, decorrentes dos investimentos narcísicos, conferem-lhe essa vivência de onipotência. A mãe compraz-se em ver seu bebê dormindo, saciado. A criança, ao se alimentar, está garantindo a sua sobrevivência, mas está também respondendo ao desejo da mãe de que se alimente.

Se a mãe tem tal desejo, nunca a deixará passar fome. Fica claro aqui o papel deste engodo de plenitude, por parte da criança, isto é, o de disfarçar sua condição de desamparo. Por parte da mãe, é como se ela tivesse a ilusão de que esse filho lhe devolveria a completude para sempre perdida, à qual teve que renunciar para inserir-se no universo humano da simbolização e da cultura (cutellus = cutelo, corte).

Isso remete a uma questão relativa ao ser humano, no que diz respeito às estruturas clínicas. Como seria se houvesse uma total resolução edípica? Como o desamparo do filho poderia ser atenuado, se não através da ilusão descrita acima? Em outras palavras, tem que haver um residual de felicidade na mãe para que este inevitável engodo se crie e dê um lugar a esse filho, ainda que num primeiro momento o de bebê-boneca, etapa necessária, porém não suficiente, para ascender à condição humana.

Voltando nos anos: quando criança essa mulher-mãe, como ensina Freud, abandonou, ao deparar-se com a mãe castrada, o investimento libidinal a esta e voltou-o ao pai, na medida em que este, por ocupar um lugar no desejo da mãe, apresenta-se como possível doador do pênis-falo desejado.

A feminilidade instaura-se a partir do momento em que o anseio pelo pênis é substituído pelo desejo de ter um filho, identificando-se assim a menina com sua mãe. E esse filho, ao existir, assume para a menina, agora mulher-mãe, a condição imaginária do falo desejando (apoiado na antiga inveja do pênis, enquanto órgão propiciador da felicidade). Ainda persiste uma ilusão imaginária de completude." Se

eu tiver um filho, estarei completa, apesar de não ter um pênis".

O engodo de plenitude que se estabeleceu entre a mãe e seu filho vai se revelando enquanto tal e, conseqüentemente, desmancha-se. A experiência ilusória de preencher a falta, na qual o psiquismo da mãe está estruturado, em se tratando do campo da neurose, já foi demasiadamente frustada. A conclusão que se impõe é a impossibilidade. A mãe dá-se conta de que, como outros objetos, este bebê também não a completa inteiramente. A realidade impõe-se frente à frágil relação dual. A ilusão dá lugar à desilusão. A mesma criança que imaginariamente a completava, agora remete-a à sua falta e, de acordo com o mesmo modelo que utilizou ao renunciar à sua própria mãe para procurar no pai o pênis desejado, atualiza-o através de outros investimentos. Do outro lado, a criança não encontra mais na atitude da mãe aquele lugar (Fálico), ocupa apenas mais um lugar, entre vários outros para o qual orienta-se o desejo materno.

Esse processo inscreve-se no psiquismo infantil para sempre, como um traço, uma marca, que inaugura a existência da criança como sujeito. O bebê vê-se lançado num não-lugar. "O que ser, além do falo da mãe?" É, talvez, a pergunta que se faça neste momento. A angústia manifesta-se. É no próprio discurso da mãe que o *enfant* re-encontrará um lugar, agora seu, não mais como objeto do desejo de um outro. O lugar anterior está inacessível, para sempre perdido.

Na medida em que a criança percebe que a mãe designa um outro como importante para ela, abala-se. Quando a mãe diz: é teu pai, o filho questiona-se: o que é ele para ela? Eu não lhe basto? Descobre que a mãe também depende de um outro, enquanto suporte de seu desejo e isto faz com que não a veja mais segundo a óptica da onipotência. A identificação narcísica é questionada pela criança: minha mãe precisa de algo, eu não sou esse algo e nem o tenho, alguém deve tê-lo, é o pai que ela me apresenta. Dessa forma o pai é suposto deter o objeto do desejo da mãe.

A relação está agora trinificada. Poderia ter-se prolongado no sentido dual, onde um não seria nada mais do que a continuidade e o complemento do outro (tal como ocorre nos casos de psicose). A

função do pai separa a criança da mãe, interdita a fusão-confusão original, inaugurando a complexa questão da castração. O filho deixa de ser a coisa da mãe, um objeto de fabricação exclusivamente materna.

Entretanto, a função paterna só se exerce enquanto interditora na medida em que sua importância estiver inscrita no psiquismo da mulher-mãe, que reconhece que necessita de um homem para poder fazer um filho. A dupla interdição, vinculada à função paterna e fundadora da cultura, "não deitarás com sua mãe" e "não re-integrarás teu produto", só pode ser ouvida se a interdição do incesto vem marcar tanto o homem quanto a mulher, que formam o par parental.

A função paterna que se introduz na relação confusa, fundida e desordenada da mãe com a criança serve, de agora em diante, como um suporte em torno do qual a criança irá se organizando como sujeito. Depara-se com a lei - "não deitarás com tua mãe" - da qual o pai é o representante.

A função paterna irá marcar o lugar do filho no desejo da mãe. Essa função destitui a mãe de seu filho-falo; então ela, privada do mesmo, pode buscá-lo naquele que o detém. A criança, igualmente desprovida de seu lugar fálico, poderá cobiçá-lo lá, onde a mãe o indica.

Tal jogo fálico está na base das identificações, agora não mais narcísicas. Há diferenças relativas ao sexo da criança quanto a essas identificações. O menino renuncia ser o objeto de desejo da mãe, recalca seu desejo neste sentido e identifica-se com o pai, que supostamente tem o falo. A menina também renuncia ao seu desejo em relação à mãe, abrindo-se desta forma a possibilidade de identificar-se com ela, buscando no pai aquilo que, como a mãe, não tem.

Tudo se passa dessa forma em se tratando do campo da neurose, enquanto estrutura clínica. Os problemas que daí decorrem vão levar a uma das três possibilidades neuróticas: histeria, fobia e neurose obsessiva.

Na continuidade, se abordará a fobia, principalmente no que diz respeito à angústia e a

toda problemática identificatória presente nesse tipo de estrutura.

"Quem sou eu agora que Hanna está aí"? pergunta-se o pequeno Hans. Esta pergunta abre a possibilidade de pensar em algumas questões:

1. Como entender o nascimento de Hanna na articulação com o aparecimento da fobia de Hans?

2. Como compreender o sintoma fóbico: o cavalo? Na interpretação de Freud, o nascimento de Hanna remete à questão das diferenças sexuais entre homens e mulheres como o aspecto de destaque. Porém, poder-se-ia entender que com o nascimento da irmã, o pequeno Hans perde seu lugar no desejo da mãe, que até então ocupará, o de ser aquele que a completava, seu falo, agora substituído por Hanna. Se poderia pensar que a vinda de Hanna articula a questão da interdição ao desejo materno. Logo, o pequeno Hans volta-se na busca de ocupar um outro lugar, lugar este que poderia encontrar voltando-se para o pai enquanto possibilidade identificatória. Essa possibilidade não se concretiza no presente caso, uma vez que o pai não está suficientemente presente no discurso da mãe, enquanto interditor. É claro, no historial, o aspecto claudicante da interdição paterna. O pai interdita, porém a mãe faz muitas vezes o contrário, quando vê seu filho tomado pelo terror noturno. A mãe não confere a força suficiente à figura paterna, para que o menino encontre um sustentáculo sólido onde se refugiar ao dar-se conta de que não é o único objeto do desejo materno. A relação dual entre ele e a mãe rompe-se, definitivamente, ao que parece, com o nascimento da irmã. É uma função paterna interditora, que se estabelece.

Separa-se da mãe, mas não encontra um lugar para se refugiar, se apoiar através da identificação, vê-se mergulhado num não lugar, num abismo; não encontra uma indicação da mãe que agora, com o nascimento da irmã, encontra-se novamente mergulhada numa relação narcísica com a filha.

Pobre Hans, arrancaram-lhe de seu lugar mas não lhe ofereceram um atenuante, um outro recurso que lhe dê segurança. O caminho é feito apenas até a metade. A partir daí encontra-se sozinho frente ao próprio destino. Tem que buscar uma saída por si só e a encontra, ainda que num cavalo que condensa todas as possibilidades pelas quais o sujeito Hans possa organizar sua entrada no mundo simbólico. A partir daí coloca-se como fundamental a tentativa de entender o que representa o cavalo, enquanto ordenador e organizador do caos no qual o garoto está mergulhado. Nesta audaciosa empresa, F. Perrier pode servir como referência.

Escreve ele:

"Quem sou eu agora que Hanna está aí?, pergunta-se o pequeno Hans".⁽²⁾

Nesta perspectiva o cavalo começa a propor-lhe o dilema: pai ou mãe, homem ou mulher, penis ou nada.

Nada, diz Freud, pois no caminho de postular a vagina, não podia contudo resolver o enigma, dado que dentro de seus conhecimentos não existia nada semelhante ao que seu pênis reclamava.

Esta ausência de significante fêmea - para citar uma expressão recente de Lacan - é o que faz do cavalo o enigma angustiante da imagem do corpo, dessa imagem corporal que é o primeiro eu de Hans, como seu eu e entretanto sua mãe e também seu pai.

⁽²⁾ F. Perrier

A imagem fóbica é o eu imaginário projetado na solicitação narcisista que ela expressa, no enigma angustiante que ilustra, impondo a Hans inegavelmente a pergunta: "Convertendo-me em cavalo sou menino ou menina"? Tudo acontece como se se tratasse de uma imagem onírica cujo conteúdo manifesto é reconhecido e secundariamente redescoberto na realidade. O eu imaginário não é redutível à sua ilustração especular.

Diremos que a fobia sobrevém no preciso instante em que o lugar como sujeito na situação edípica é brutalmente questionado por um acontecimento que desloca uma gestalt frágil, na qual as relações narcisistas prevaleciam sobre as relações objetais.

A rua é acaso, para o agora fóbico, esse espaço vazio anônimo em que o sujeito se perde, em que não se reconhece, dada a impossibilidade de ser reconhecível e reconhecido nela, por carecer de uma imagem de identificação assumível".

Talvez uma outra forma de se interpretar a escolha do cavalo, enquanto objeto fóbico, poderia ser feita adotando-se a postura de Cabas, referida à leitura de Lévi-Strauss relativa aos mitos, que se fazem presentes também no caso de Hans. A Antropologia registra, como já é de conhecimento estabelecido, a presença de mitos nas chamadas comunidades primitivas. Considerando que Hans e seus amiguinhos também constituem-se em uma comunidade primitiva, o cavalo poderia ser visto e interpretado como sendo um totem. Hans está envolvido num sistema mítico, no qual o cavalo não se afigura apenas como tema principal dos jogos e prazeres que ele (cavalo) propicia, mas também se defronta com o perigo e a ameaça implícita (queda e machucado de Frederico, ameaça de morder - e, portanto, de amputar - os dedos de Liza). Na mitologia infantil, então, o que representa o cavalo? Num sistema que articula prazer com perigo, que vincula o desejo com o castigo, comprometendo

assim o órgão do prazer com a organização da proibição", no dizer do próprio Cabas.⁽³⁾

Um aspecto que foi apenas tangencialmente tocado neste trabalho é o da angústia, conceito insubstituível, na medida em que o eixo de resolução edípica começou a ser referido ao complexo de castração. Para não deixar de mencioná-lo acrescentam-se algumas definições de angústia, propostas por Yafar⁽⁴⁾:

1. A angústia não é coisa simples de apreender. Isto pode ser pensado em função das considerações lacanianas de que a angústia não é imaginável nem simbolizável. Há uma dificuldade de estrutura que diz respeito à inapreensibilidade ou não do registro do real.

2. É algo sentido, pelo que a colocamos na linha dos sentimentos, ou melhor, dos afetos. Assim também define Lacan na primeira classe do Seminário sobre o tema.

3. É um desprazer muito particular quase inapreensível, com algo de inacessível, de indefinível, ligado, como mencionamos, ao sinistro, algo que se situa mais além do princípio do prazer - o que Freud chama de demoníaco. Pensamos então na angústia dos pesadelos, por exemplo.

4. Está ligada a descargas corporais. Ao corpo no que este tem de mais visceral: o respiratório e os fenômenos cardíacos.

5. Direta relação com o tema do luto e com um dado clínico importantíssimo, que é a dor.

A título de encerramento, está claro que o que foi dito neste texto alude a inúmeros aspectos não ditos, que requereriam maior aprofundamento para uma melhor compreensão da fobia. No limite das possibilidades atuais, este trabalho encontra-se no passo inicial do longo caminho para o entendimento da complexa estruturação do psiquismo humano e suas vicissitudes.

⁽³⁾ A função do falo na loucura

⁽⁴⁾ El caso Hans: lectura del historial de Freud

BIBLIOGRAFIA

SAURI, J. (compilador) - Las fobias - Buenos Aires, Ed. Nueva Vision, 1984.

CABAS, A.G. - A função do falo na loucura. - Campinas, Papirus, 1989.

THIS, B. - O pai - Porto Alegre, Artes Médicas.

MELMAN, C. - Estrutura lacaniana das psicoses - Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.

DOR, J. - Introdução à leitura de Lacan. - Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.

MALLET, J. - et alli - Las fobias - Buenos Aires, Nueva Vision, 1984.

GREEN, A. - Narcisismo de vida e narcisismo de morte - São Paulo-Escuta, 1988.

YAFAR, R.A. - El caso Hans - Lectura del historial de Freud - Buenos Aires, Nueva Vision, 1991.

FREUD, S. - Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, São Paulo, Imago, 1977. As neuropsicoses de defesa (1894) Vol.3

Tres ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)-Vol.7.

Análise de uma fobia de um menino de 5 anos (1909)-Vol.10.

Totem e Tabu (1912/1913)- Vol.13

O Sinistro (1919)- VOL.17

Inibição, sintoma e ansiedade (1925/1926) -Vol. 20.

AUTORES:

Anete M.B. Fernandes
Ario Borges Nunes Jr.
Chica H. Guimarães.
Cynthia Lopes Peiter
Ieda Gomide Moreira dos Santos.
José Carlos de Matos.
Jucelaine Hernandes Veger.

(Alunos do 2º ano do Curso de Formação em Psicanálise).

DA LINGUAGEM DOS AFETOS LINGUAGEM SIMBÓLICA.

Articulação dos Conceitos de Objeto e Pulsão,
Luto e Símbolo na Obra de Melanie Klein".

DORES DO MUNDO

"Assim como um regato corre sem ímpetos, enquanto não encontra obstáculos, do mesmo modo na natureza humana, como na natureza animal, a vida corre inconsciente e descuidosa, quando coisa alguma se lhe opõe à vontade. Se a atenção desperta, é porque a vontade não era livre e se produziu algum choque. Tudo o que se ergue em frente da nossa vontade, tudo o que a contraria ou lhe resiste, isto é, tudo que há de desagradável e de doloroso, sentimo-lo ato contínuo e muito nitidamente. Não atentamos na saúde geral do nosso corpo, mas notamos o ponto ligeiro onde o sapato nos molesta; não apreciamos o conjunto próspero dos nossos negócios, e só pensamos numa ninharia insignificante que nos desgosta. - O bem-estar e a felicidade são portanto negativos, só a dor é positiva.

Não conheço nada mais absurdo que a maior parte dos sistemas metafísicos, que explicam o mal como uma coisa negativa; só ele, pelo contrário, é positivo, visto que se faz sentir... O bem, a felicidade, a satisfação são negativos, porque não fazem senão suprimir um desejo e terminar um desgosto.

Acrescente-se a isto que em geral achamos as alegrias abaixo da nossa expectativa, ao passo que as dores a excedem grandemente.

Se quereis num momento esclarecer-vos a este respeito, e saber se o prazer é superior ao desgosto, ou se apenas se

compensam, comparai a impressão do animal que devora outro, com a impressão do que é devorado.

*(Schopenhauer - Dores do Mundo
Coleção Universidade Ed. Tecnoprint
Ltda Rio de Janeiro).*

Para Freud desejo é o movimento libidinal que se estabelece a partir da experiência de satisfação, que deixa uma marca mnêmica. Toda vez que retorna a necessidade, a libido tende a percorrer este caminho, tentando recarregar esta marca mnêmica buscando a identidade de percepção.

Para Freud a libido não traz em si a expectativa do objeto, fará uma colagem a ele, pois em sua teoria há uma prevalência do objetivo da pulsão (descarga) sobre o objeto. O objeto da experiência de satisfação será o objeto do desejo. Esta primeira experiência de um objeto que gratifica a pulsão libidinal marcará, mas o objeto só será reencontrado mais tarde, após um longo desenvolvimento de soldadura, onde as pulsões parciais se sobressairão umas sobre as outras e acabarão sendo unificadas sob a primazia da genitalidade.

Freud trabalha assim com um objeto da pulsão libidinal, embora em 1920 em "Além do princípio de prazer", reconheça a existência da pulsão de morte, entendida como pulsão em estado bruto; que são as excitações intensas, despertadas por estímulos internos e externos que atingem o aparelho psíquico, provocando agudas sensações de desprazer, porque não se encontram dominadas, isto é não vinculadas, não representadas, o que as dotaria de uma força mortal. E considera que esta fica silenciosamente dirigindo o indivíduo para morte e que só através da atividade da pulsão de vida é que esta força mortal será domesticada, através de um princípio regulador (princípio do prazer), que ligue que vincule, que de representabilidade psíquica a essa pulsão, a essa energia intensa e bruta. É para poder dominar essa força mortal que, a princípio essa será projetada para fora e aparecerá sob forma de impulsos destrutivos dirigidos contra objetos do mundo externo.

Mas já em 1915, antes mesmo de postular a pulsão de morte como opositora da pulsão de vida neste jogo dialético, já citava: "o ódio enquanto relação de objeto é mais velho do que o amor. Deriva